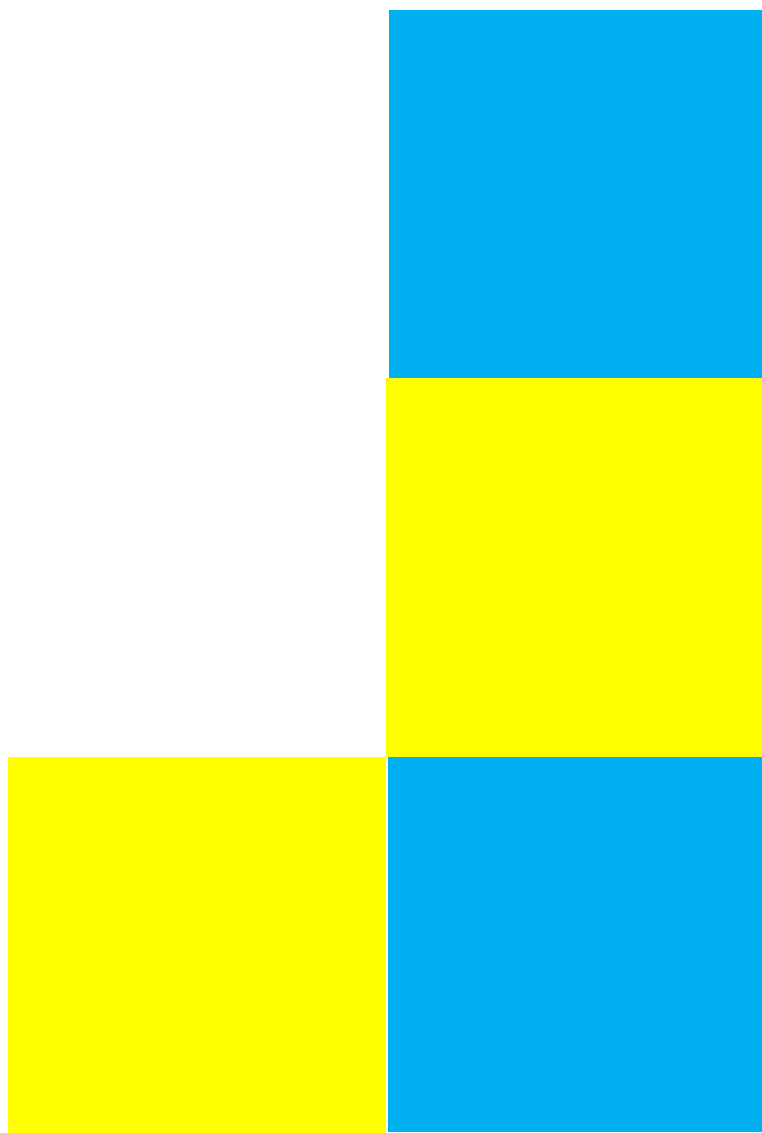


Os evangélicos brasileiros para além do conservadorismo político-partidário: um olhar a partir das periferias urbanas

Iafet Leonardi Bricalli

Doutor em Ciências Sociais – Curriculum de Sociologia - pela Universidade de Gênova, Itália, onde desenvolveu uma tese sobre as relações recíprocas entre os evangélicos e o neoliberalismo no Brasil.



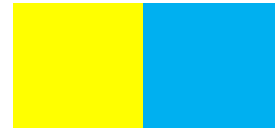
Resumo: A entrada em cena da extrema direita no cenário político nacional a partir de 2018 lançou luz sobre um dos fenômenos sociais brasileiros mais importantes das últimas décadas: a impressionante expansão dos evangélicos na sociedade brasileira. Em razão da sustentação da candidatura e do governo de Jair Bolsonaro por alguns pastores e políticos evangélicos a partir da instrumentalização do discurso religioso e da mobilização, em modo conservador, de valores ligados à religião, à família, à pátria e à segurança, o evangelismo tornou-se sinônimo de extrema direita, de conservadorismo e até de fascismo. Este texto procura argumentar que se trata de uma luz que obscurece mais do que ilumina o fenômeno. Uma compreensão mais profunda do fenômeno evangélico brasileiro não passa pela observação e interpretação do que se passa no ponto mais visível e barulhento da emergência desse fenômeno - a sua manifestação político-partidária. Deve-se partir, argumenta-se, pela observação e interpretação do contexto social que permitiu e permite a impressionante multiplicação de igrejas e fiéis de um tipo específico de religiosidade evangélica, que representa uma das poucas “chances” oferecidas para milhões de brasileiros.

Palavras-chave: Evangélicos, Pentecostalismo, Extrema Direita, Neoliberalismo, Periferias Urbanas

Brazilian evangelicals beyond political conservatism: a look from the urban peripheries

Abstract: The emergence of the far right on the national political scene in 2018 shed light on one of the most important Brazilian social phenomena of recent decades: the impressive expansion of evangelicals in Brazilian society. Due to the support of Jair Bolsonaro's candidacy and government by some evangelical pastors and politicians based on the instrumentalization of religious discourse and the mobilization in a conservative way of values linked to religion, family, homeland and security, evangelism has become synonymous with the far right, conservatism and even fascism. This text seeks to argue that this is a light that obscures the phenomenon more than it illuminates. A deeper understanding of the Brazilian evangelical phenomenon does not involve observing and interpreting what is happening at the most visible and noisy point of the emergence of this phenomenon - its political manifestation. One must start, it is argued, by observing and interpreting the social context that allowed and still allows the impressive multiplication of churches and believers of a specific type of evangelical religiosity, which represents one of the few “chances” offered to millions of Brazilians.

Keywords: Evangelicals, Pentecostalism, Far Right, Neoliberalism, Urban Peripheries.



As duas últimas eleições presidenciais brasileiras - 2018 e 2022 - serviram para lançar luz sobre um dos fenômenos sociais brasileiros mais importantes das últimas décadas: o aumento significativo do número de evangélicos, que ocorre principalmente nas favelas e periferias das grandes cidades do país. Não que as eleições presidenciais precedentes não o tenham feito. Como o número de evangélicos vem crescendo gradualmente e de maneira significativa no conjunto da população brasileira nas quatro últimas décadas e o apoio deste segmento social pode ser cada vez mais decisivo para o resultado de qualquer eleição presidencial, os evangélicos constituem uma variável importante da política brasileira já há algum tempo (NASCIMENTO, 2019; PIERUCCI, 1996). No entanto, com a entrada da extrema direita no jogo político nacional, o discurso religioso foi acionado como nunca e ganhou contornos ainda mais moralistas e conservadores.

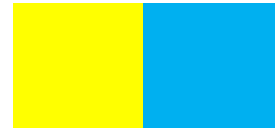
Em um contexto de grave crise econômica, política e social, a extrema direita brasileira, liderada por Jair Bolsonaro mas com a contribuição de muitos políticos e pastores evangélicos, soube muito bem atrair para si o setor social brasileiro evangélico a partir da mobilização em termos conservadores de valores caros ao segmento popular brasileiro – do qual faz parte a maior parte dos evangélicos – relacionados ou não à religião: segurança, Deus, pátria e família. A estratégia contribuiu para que Bolsonaro vencesse a eleição de 2018, mas na recente eleição de 2022, extremamente polarizada, Bolsonaro saiu derrotado por pequena margem pelo candidato da esquerda, Lula. Apesar da derrota na eleição presidencial, a extrema direita segue muito forte no país. A vitória de Lula somente foi possível graças à sua enorme popularidade e à sua enorme capacidade de articulação política que levou à formação de uma ampla aliança democrática que reuniu em torno de sua candidatura históricos adversários políticos. É provável que em qualquer outro cenário Bolsonaro saísse vitorioso, tendo a maior parte dos evangélicos brasileiros ao seu lado.

A luz lançada sobre os evangélicos brasileiros a partir das últimas eleições presidenciais, no entanto, obscurece mais do que ilumina o fenômeno evangélico brasileiro. Ela reforçou o estigma do conservadorismo sobre um fenômeno social

extremamente complexo e de difícil compreensão. No Brasil de hoje, evangélico tornou-se sinônimo de conservadorismo. No entanto, se é verdade que a pauta moral conservadora norteou a atuação da maior parte das lideranças políticas evangélicas desde a redemocratização do país em meados dos anos 1980, e fez do antiesquerdismo não apenas a bandeira destas lideranças mas da grande maioria dos fiéis evangélicos brasileiros (PIERUCCI, 1996), bastaria dizer, por exemplo, que a maior parte dos evangélicos esteve ao lado da esquerda brasileira nas quatro últimas eleições presidenciais anteriores à 2018 em que a esquerda saiu vitoriosa - quando os temas conservadores não constituíam a agenda do momento - para que as cartas se apresentem de forma um pouco mais embaralhada. De qualquer forma, uma compreensão mais profunda do fenômeno evangélico brasileiro não passa, a meu ver, pela observação e interpretação do que se passa no ponto mais visível e barulhento da emergência desse fenômeno, ou seja, a sua manifestação político-partidária. Deve-se partir, acredito, pela observação e interpretação do contexto social que permitiu e permite a impressionante multiplicação de igrejas e fiéis de um tipo específico de religiosidade evangélica, que representa uma das poucas “chances” oferecidas para milhões de brasileiros.

O pentecostalismo se expande no Brasil

O aumento do número de evangélicos no Brasil deve-se à expansão no país de uma vertente específica do protestantismo que é conhecida como pentecostalismo. E não por acaso. O pentecostalismo surgiu a partir da fundação por Willian Joseph Seymour, um negro e filho de ex-escravos, da *Apostholic Faith Mission*, uma igreja que nasceu adaptada aos membros das classes populares não incorporados suficientemente à cidade de Los Angeles do início do século XX, em um contexto de intensa migração rural-urbana nos Estados Unidos, bem como de chegada de muitos imigrantes pobres vindos da Europa (SOUZA, 2010). Ao contrário das igrejas protestantes históricas, marcadas até certo ponto por uma teologia que apresentava doses de racionalismo e de intelectualismo, o que terminava por atrair principalmente setores da classe média branca norte-americana, a igreja fundada por Seymour foi fundada a partir de um discurso mais emocional e



popular, atraindo assim principalmente setores marginalizados formados, por exemplo, por imigrantes, pobres e negros (ANDERSON, 2014; SOUZA, 2010). Enquanto dançavam, cantavam e falavam em línguas aparentemente ininteligíveis (referência ao dia de Pentecostes, uma festa da colheita na tradição judaica que, no calendário cristão, marca um período após a ressurreição de Cristo quando o Espírito Santo desceu à terra falando “línguas estranhas” por intermédio dos discípulos), os participantes dos cultos organizados por Seymour ouviam interpretações religiosas para os seus infortúnios cotidianos e testemunhavam a realização de milagres através de rituais de cura e de libertação. Ali, as “derrotas” cotidianas pareciam fazer sentido e às pessoas era oferecida uma chance de vitória na competição social, mesmo que simbólica, talvez pela primeira vez em suas vidas.

A partir de seu surgimento na Los Angeles do início do século XX, o pentecostalismo se expandiu mundialmente. Embora tenha, obviamente, sofrido modificações em razão de contextos históricos e geográficos específicos, o principal se mantém: segue sendo uma religiosidade que atinge fundamentalmente as classes populares. Não é de se surpreender, portanto, que ele tenha tido dificuldade em penetrar nos países capitalistas centrais, principalmente na Europa, e tenha, simultaneamente, penetrado em extensão e profundidade nos países capitalistas periféricos, com destaque para os países latino-americanos, incluindo o Brasil (SOUZA, 2010).

A história do pentecostalismo brasileiro costuma ser contada a partir de três diferentes ondas (FREESTON, 1993; MARIANO, 1999). A primeira onda refere-se à fundação das primeiras igrejas pentecostais por missionários estrangeiros em 1910 e 1911. No entanto, como as condições sociais não estavam dadas – o Brasil de então era um país predominantemente rural e as relações capitalistas eram ainda pouco desenvolvidas – a religiosidade pentecostal seguiu sendo absolutamente marginal em um contexto hegemônico católico (MAFRA, 2001). O início da mudança começou a se verificar em meados do século XX. Como o contexto de modernização brasileiro, que traduziu-se em um intenso processo articulado de industrialização, migração rural-urbana e urbanização não foi capaz de incorporar de modo satisfatório no processo produtivo as massas de

trabalhadores chegavam às cidades, o resultado foi a formação de uma sociedade extremamente desigual que se materializava principalmente na formação de grandes bolsões de pobreza urbanos. Ao contrário dos países capitalistas centrais, a precariedade do trabalho e da existência é uma marca constitutiva do processo de modernização brasileiro (ANTUNES, 2019). Com a modernização, o Brasil começava a oferecer o contexto para o surgimento das igrejas da chamada segunda onda pentecostal – que apostaram no rádio e na evangelização itinerante como recursos proselitistas - e para a expansão das igrejas da primeira onda (MARIANO, 1999). No entanto, a grande expansão pentecostal e, logo, evangélica, ainda estava por vir. Ela começou a se verificar nos anos 1980 e se efetivou a partir dos anos 1990 em um contexto de continuidade do processo de modernização e de implantação de políticas neoliberais que acentuaram as desigualdades e a precarização do trabalho e da existência que marcaram o processo de modernização brasileiro. No entanto, se seguirmos a tese de Peter Berger (1990 [1967]), é preciso considerar também que em um contexto de aprofundamento das relações de mercado com a chegada do neoliberalismo ao país, molda-se um contexto de avanço da afirmação da liberdade individual como valor e como prática legítima em que a religião torna-se uma questão de livre escolha e de preferência pessoal (MARIANO, 2013). No campo religioso, o peso da tradição católica vai perdendo força e cedendo lugar para as religiosidades que melhor se adaptavam ao contexto de precarização social. Foram as igrejas evangélicas pentecostais as que melhor se adaptaram a este contexto social, oferecendo uma das poucas “chances” à milhões de pobres brasileiros: ali eles passaram a se reunir, a se sentirem integrados, a serem ouvidos. Neste contexto, as igrejas da primeira e da segunda onda pentecostal encontraram um terreno fértil para sua expansão, bem como surgiram novas igrejas que, em razão de transformações teológicas profundas que operaram no interior do pentecostalismo, passaram a constituir o que veio a ser chamado de neopentecostalismo, a terceira onda pentecostal (MARIANO, 2013). Se em 1980 os evangélicos representavam cerca de 5% da população brasileira, hoje eles representam cerca de 30% e as projeções indicam que essa tendência de crescimento tende a continuar (SPYER, 2020).



O neopentecostalismo brasileiro: a redenção dos pobres

As transformações teológicas produzidas pelas igrejas neopentecostais são exemplos ilustrativos de como as igrejas evangélicas entenderam muito bem o contexto social que estava se desenhando no Brasil a partir dos anos 1980 e construíram uma teologia muito bem adaptada a ele. Destaco dois aspectos dessa teologia: a exacerbação da guerra contra o diabo e a prosperidade (MARIANO, 1999).

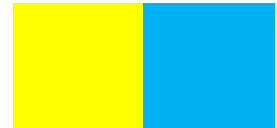
Em um contexto de precarização do trabalho e da existência, as igrejas neopentecostais exacerbaram um princípio já presente no interior da teologia pentecostal: a guerra contra o diabo. Nessas igrejas, a figura do diabo é construída para funcionar como bode expiatório para os diversos sofrimentos cotidianos com os quais se deparam cotidianamente os fiéis, que são em sua grande maioria os pobres brasileiros que vivem nas favelas e periferias das grandes cidades. São sofrimentos dos mais diversos tipos que emergem em um contexto de miséria social relacionada, por exemplo, à condição de fome, desemprego, desigualdade e violência à que estão submetidas essas pessoas. Nestas igrejas, tais sofrimentos não possuem origem nas estruturas econômicas, políticas e sociais de reprodução das desigualdades mas, ao contrário, são manifestações das forças diabólicas nas vidas particulares de cada um dos fiéis. Se a vida não vai bem, em qualquer um dos seus aspectos – profissional, familiar, pessoal – é pelo simples motivo de que o fiel não possui fé suficiente e apresenta-se, portanto, vulnerável à atuação do diabo. Toda a cosmologia das igrejas neopentecostais é construída em torno de uma eterna batalha espiritual (e material) que opõe as forças do bem – de Deus – e do mal – do diabo. Os repetidos sofrimentos cotidianos que até então não tinham explicação lógica para os fiéis, passam a fazer sentido de acordo com essa cosmologia: tudo é culpa do diabo que se apoderou da vida deles.

Nas igrejas neopentecostais, o reconhecimento da origem de todo mal não é um fim em si mesmo. Ao contrário. Trata-se apenas do ponto de partida para que a vida possa ser transformada. Como complemento à guerra contra o diabo, as igrejas neopentecostais produziram uma verdadeira transformação na teologia pentecostal rejeitando o ascetismo

do pentecostalismo histórico e assumindo para si uma teologia de afirmação “deste mundo”, a Teologia da Prosperidade (MARIANO, 1999). Para os neopentecostais, a prosperidade não possui somente uma face material relacionada a uma vida financeira satisfatória e às possibilidades de consumo material que essa vida permite. Essa dimensão, obviamente, é fundamental. No entanto, para os neopentecostais a prosperidade é mais uma questão de “sucesso”. Sucesso na profissão, na família, na saúde, no amor, nas amizades. Se a guerra contra o diabo se adequa perfeitamente a um condição de precariedade, a Teologia da Prosperidade converge com o discurso de uma racionalidade de tipo neoliberal em que empreendedorismo, meritocracia, sucesso, marketing pessoal e individualismo se tornaram palavras de ordem (DARDOT e LAVAL 2016 [2009]; ROSE, 2011 [1996]). De fato, na *Igreja Universal do Reino de Deus*, a principal representante do neopentecostalismo brasileiro, não se sabe muito bem se estamos em uma igreja ou uma empresa: rituais de curas, milagres e libertações se misturam a conselhos sobre como deixar de ser empregado e virar patrão abrindo o seu próprio negócio, sobre a importância do marketing pessoal e de como ter uma vida de sucesso (BRICALLI, 2022). Trata-se de uma igreja que funciona como empresa.

Pode parecer estranho que um discurso do mundo empresarial tenha encontrado forte respaldo em um contexto de extrema precarização social. É evidente que as igrejas neopentecostais não pretendem formar empresários de sucesso no interior das favelas e das periferias urbanas brasileiras. Através de uma mistura de elementos dos discursos religioso e empresarial, ela apenas criou um poderosíssimo discurso motivacional que funciona como um mecanismo que permite chamar à luta um conjunto de pessoas que do ponto de vista de uma sociedade em que o sucesso é uma das palavras de ordem, fracassaram. O discurso do sucesso chama à luta pessoas que nada tem a ver com ele, simplesmente porque trata-se de uma das palavras de ordem da razão neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016 [2009]).

A forma como o discurso das igrejas neopentecostais se desenvolveu no Brasil revela simultaneamente a miséria da condição social à que estão submetidos os pobres brasileiros e a revolta contra ela (ROCHA e TORRES, 2009). A realidade cotidiana das



favelas e periferias das cidades brasileiras que levam a sofrimentos dos mais diversos tipos a inúmeras pessoas e famílias são ali explicitados sem se recorrer a nenhum tipo de eufemismo: doenças, tristeza, alcoolismo, drogas, dívida, desemprego, prostituição. A explicitação destes sofrimentos, porém, possui uma clara mensagem: eles não podem ser aceitos! As igrejas neopentecostais, portanto, contruíram um poderoso mecanismo discursivo de revolta contra essa condição social destinado a redimir, mesmo que simbolicamente, todas as vidas “fracassadas”. As “derrotas” cotidianas não podem ser toleradas: elas são apenas o estímulo mobilizado para que as “vitórias” sejam finalmente alcançadas.

É evidente que o discurso das igrejas neopentecostais é um poderosíssimo instrumento de reprodução das desigualdades e das injustiças. Ele “esquece” qualquer condição - econômica, social e política - estrutural que reproduz a miséria social à qual estão submetidos os pobres brasileiros. No entanto, dizer que a adesão à essas igrejas por parte dos fiéis é resultado de um trabalho de manipulação por parte dos pastores é compreender muito insuficientemente esta religiosidade que constitui uma das vertentes mais importantes do fenômeno evangélico brasileiro. Estas igrejas representam, em realidade, talvez o único espaço em que essas pessoas podem ser ouvidas, onde os seus sofrimentos cotidianos passam a fazer sentido e onde é oferecida uma chance de vitória na competição social.

A extrema direita brasileira sabe muito bem o poderoso alcance dessas igrejas nas favelas e periferias brasileiras: em cada esquina, existe sempre uma de portas abertas para que as aflições cotidianas sejam ouvidas. Com isso, trouxe para si o apoio da maior parte dessas igrejas e de seus respectivos fiéis a partir da mobilização de valores morais muito caros à eles. Tudo indica que nos próximos anos a extrema direita seguirá mobilizando tais valores de modo a continuar tendo ao seu lado o segmento evangélico brasileiro. Consciente que as igrejas evangélicas desenvolvem hoje um verdadeiro trabalho de base nas favelas e periferias brasileiras, ela parece ter compreendido muito bem um dos aspectos mais fundamentais da dinâmica social destes espaços. Boa parte do campo democrático brasileiro, em particular da esquerda, parece, ao contrário, ainda não ter

entendido. O que mais se vê no debate público e “crítico” brasileiro é um preconceito assustador em relação aos evangélicos, principalmente pela associação direta, sem nuances, entre evangélicos, conservadorismo e obscurantismo. Em muitos casos, essa associação pode e deve ser feita. No entanto, reduzir o fenômeno evangélico a essa associação significa desconhecer profundamente o papel que essas igrejas desempenham nas áreas pobres das cidades brasileiras e, assim, continuar cedendo espaço ao avanço da extrema direita no país. A tarefa do campo democrático para o futuro político do país é disputar este espaço a partir de um diálogo constante com os evangélicos brasileiros. A dúvida, porém, é se ele está disposto a fazer isso.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, A. H. **An introduction to pentecostalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BERGER, P. L. **The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion**. New York: Anchor books, 1990 [1967].

BRICALLI, I. L. Os evangélicos e o dispositivo urbano neoliberal: governando as populações e os territórios periféricos. **Geografares**, v. 2, n. 34, pp. 46-69, 2022.

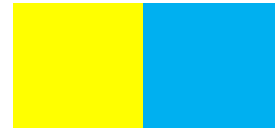
DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016 [2009].

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Tese (Doutorado em sociologia) – Departamento de ciências sociais do Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, n. 24, pp. 119-137, 2013.



NASCIMENTO, G. **O reino**: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996a.

ROCHA, E.; TORRES, R. O crente e o delinquente. In: SOUZA, J. **Ralé brasileira**: quem é como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ROSE, N. Administrando indivíduos empreendedores. In: ROSE, N. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011 [1996].

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPYER, J. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.